

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 3, n. 1, jan./dez., 2025, p. 43-51.

A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO CORPO: PERSPECTIVAS DE ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA

THE SPIRITUAL DIMENSION OF THE FLESH: PERSPECTIVES FROM THEOLOGICAL ANTHROPOLOGY

*Antonio Wardison C. Silva**

RESUMO: Este ensaio tem o intuito de refletir sobre a dimensão espiritual do corpo, na perspectiva da antropologia teológica. Na primeira parte, apresenta, com base na tradição semítica, as bases de compreensão do corpo em sua mútua relação com o espírito; a significação do corpo alcançada com Jesus, em seu mistério de doação de si, em vista da construção do Reino; e o cumprimento dessa missão, pela Igreja, de cuidar do homem, na sua integralidade, corpo e espírito. Na segunda parte, discorre sobre a realidade da corporeidade como templo de Deus, em particular, a perspectiva teológica e pastoral de Paulo sobre o homem, imagem de Cristo e templo do Espírito, chamado à ressurreição. Fundamentalmente, o homem é um ser integral, corpo e espírito, realidade única em relação com Deus e, por isso, expressão da própria experiência de Deus.

Palavras chave: Corpo; espírito; homem; relação; ressurreição.

ABSTRACT: *This essay aims to reflect on the spiritual dimension of the flesh from the perspective of theological anthropology. The first part presents, based on the Semitic tradition, the foundations for understanding the flesh in its mutual relationship with the spirit; the significance of the flesh achieved with Jesus, in his mystery of self-giving for the sake of building the Kingdom; and the fulfillment of this mission by the Church, to care for humanity in its entirety, flesh and spirit. The second part discusses the reality of corporeality as the temple of God, in particular, Paul's theological and pastoral perspective on humanity, the image of Christ and the temple of the Spirit, called to resurrection. Fundamentally, humanity is an integral being, flesh and spirit, a unique reality in relation to God and, therefore, an expression of God's own experience.*

Keywords: *Flesh; spirit; humanity; relationship; resurrection.*

INTRODUÇÃO

Há uma variedade de significados atribuídos ao corpo humano. Cada ciência, perspectiva de pensamento ou até mesmo cultura interpreta e entende o corpo de uma maneira muito

* Pós-doutor em Filosofia pela UNIFESP; doutor e mestre em Filosofia e mestre em Teologia pela PUC-SP; especialista em Catequese; licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia. Professor de Filosofia e Teologia no Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI.

singular. A teologia traz uma profunda reflexão, em razão de compreendê-lo em relação ao espírito, como realidade mística, integrada e transcendente. Então, duas realidades - corpo e espírito – que habitam o homem e o tornam pleno, humano na sua totalidade. Este horizonte está amplamente contido nas Sagradas Escrituras e meditado na teologia cristã, na compreensão de que o homem provém de Deus e com ele estabelece uma íntima relação.

Este ensaio, ao qual se propõe, visa refletir sobre a dimensão espiritual do corpo, em chave hermenêutica. Para tal, buscará discutir as dimensões material e transcendente do corpo e sua realidade como templo de Deus. Com isso, visa unicamente trazer algumas perspectivas da antropologia teológica, fecundas e necessárias para uma saudável compreensão do homem e da sua experiência de fé.

1. A REALIDADE MATERIAL E TRANSCENDENTE DO CORPO

A Sagrada Escritura, de base cultural semita – ao contrário do pensamento grego, estruturado no plano especulativo e conceitual – comprehende a realidade das coisas a partir dos fatos, da vivência, quer dizer: seus conceitos traduzem, sempre, a realidade concreta das coisas. O povo semita entende que o corpo humano está estruturado a partir de uma realidade denominada *basar* (carne), associada ao espírito, *nepfesh* ou *ruah*. Ainda que carne se origine da terra, traz consigo, como elemento inerente, o espírito.¹

O *basar* identifica uma pessoa, não isoladamente, mas em relação à outra, seja pelo grau de relacionamento, seja pelo grau de parentesco,² e isso lhe confere uma realidade além de si mesmo, que o permite ser-com-o-outro. Tal compreensão pode ser identificada em *Gêneses* 2,23: “então o homem exclamou: ‘esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne’”.³ O relato bíblico indica que a mulher é criada sobre a base da mesma humanidade do homem. Essa homogeneidade somática é, então, aclamada pelo homem, considerada a diversidade constitutiva da sexualidade. Pela primeira vez, o homem manifesta a alegria e exaltação de um outro, semelhante a si. E, agora, não mais solitário. Trata-se de uma alegria exuberante diante

¹ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge: a sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 68.

² Eis alguns significados da palavra *basar*: “carne (Is 22,13; Gn 2,21), em algumas ocasiões se fala do ‘*basar* do prepúcio’ (Gn 17,11.14); corpo (Nm 8,7), indicando toda a parte visível do corpo; parentesco, porque é aquilo que une os homens (Gn 2,23: o parentesco de Eva e Adão; 37,27: José é nosso *basar*), *kol-basar* significa toda a humanidade; debilidade, *basar* caracteriza a vida humana como débil e caduca em si mesma (Sl 56,5)”. SIERRA, Alejandro Martínez. *Antropología teológica fundamental*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002, p. 78.

³ BIBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Todas as demais referências bíblicas tomarão como base esta tradução.

de um outro eu e isso parece estabelecer o significado da unidade original do homem e da mulher.⁴

O corpo, na compreensão bíblica – assim entendida –, é uma realidade sagrada, complexa, em profunda relação, consigo mesmo e com os outros; registro de força e de beleza, como também de fraqueza e de fugacidade, capaz de transcender toda realidade material e, por isso, de fazer-se símbolo corpóreo de Deus.

Em Jesus, a compreensão de corpo encontra seu mais extraordinário significado, uma verdadeira “epifania do corpo”. Ele, pela sua capacidade incondicional de amar, aproximou-se das pessoas para devolver-lhes a saúde do corpo, sinal visível de uma realidade maior, do encontro da pessoa com o Criador. Todos os gestos e curas realizados por Jesus demonstram que ele se doou completamente “aos outros mediante seu corpo, para que os homens, vendo-o, tocando-o, ouvindo-o, pudessem encontrar Deus (Jo 1). Pois nele, de fato, habita corporalmente a plenitude da divindade (Cl 2,9)”.⁵

Na perspectiva da caridade, do amor incondicional – de amar os seus até o fim (Jo 13,1), no mistério da sua Páscoa e da sua Eucaristia⁶ – Jesus radicaliza a experiência relacional da sua afetividade, de entrega total de si pelo outro, manifestada em toda sua esfera psicofísica. Nesse sentido, “a posse corporal recíproca adquire a plenitude do dom, do ‘consumar-se’ um no outro”.⁷ Neste verbo (consumar-se), é possível compreender a relação de uma pessoa com a outra e, com isso, a relação de Jesus com o outro. A pureza de Cristo, expressa em seu corpo, é entendida como “dom total de entrega”, fruto da sua corporeidade afetivo-amorosa.⁸

Não há dúvida que a intervenção de Jesus, por meio de curas, está associada à experiência de fé da pessoa (Mt 9,28; Mc 5,36; 9,23), elemento fundamental para o restabelecimento do corpo e do espírito. Mas o ato de amor de Jesus, ao curar, expressa a força de sua missão, o anúncio do Reino, o dom de salvação para todos, que é a libertação do corpo e do espírito. Ele, como sublinha o *Catecismo da Igreja Católica*, é o “médico de nossas almas e de nossos corpos,

⁴ JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou* – catequeses sobre o amor humano. Bauru: EDUSC, 2005, p. 80.

⁵ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 69.

⁶ JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*, p. 345.

⁷ LEONE, Salvino. *Educar para a sexualidade*. Trad. José Joaquim sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2004, p. 87.

⁸ “A contingência ‘por amor do Reino dos Céus’, a opção pela virgindade ou pelo celibato para toda a vida, tornou-se, na experiência dos discípulos e dos seguidores de Cristo, um ato de *resposta particular ao amor* do Esposo Divino e por isso *adquiriu o significado de um ato de amor esponsal*, isto é, de uma doação esponsal de si, a fim de retribuir de modo particular o amor esponsal do Redentor; uma doação de si, entendida como renúncia, mas feita sobretudo *por amor*”. JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*, p. 345.

que remiu os pecados do paralítico e restituuiu-lhe a saúde do corpo”⁹, aquele que “veio curar o homem inteiro, alma e corpo: é o médico que necessitam os doentes”¹⁰.

Essa mesma missão foi confiada à Igreja, de curar os enfermos, de expulsar o demônio (Mt 10,7-9; Lc 9,1-2). Por isso, constantemente, ela se esforça para cumprir esta missão, seja pelo cuidado aos doentes, seja pela oração de intercessão com os que acompanha. A Igreja acredita nesta presença vivificante de Cristo, o médico da alma e do corpo.¹¹ Ora, o corpo, aqui entendido, na perspectiva semita – bem como o de Jesus e dos seus discípulos – “é mais do que biologia: é uma realidade onde se implantam as sementes da eternidade e se manifestam os sinais do Reino. Daí o seu cuidado para com o corpo”¹².

As necessidades do corpo constituem, então, os desafios do Reino, a restituição da pessoa na sua integralidade, perspectivas que abrem caminho para uma nova ética, capaz de refletir as carências do corpo, a situação existencial da pessoa: o corpo ferido expressa um apelo ético, desafio para a sociedade; o corpo sadio, o encontro da pessoa com o outro e com o projeto de Deus, expressão máxima da sua dignidade, filiação com o Pai.

Por isso, o corpo não se reduz à dimensão biológica, mas atinge uma realidade além da sua materialidade. Ao transcender toda realidade fenomênica, imerge no mistério de Deus, que é seu mistério: habita e expressa a realidade divina. Porque criado por Deus, o homem pode tornar-se semelhante a Ele. O corpo humano, nesse sentido, “está destinado a ser um dia um corpo glorioso, à semelhança do corpo glorioso do próprio Cristo. Espiritualidade, transcendência e ressurreição animam nossos corpos e lhes dão um sentido novo e mais profundo”¹³.

Nessa realidade, de profunda transcendência, encontra-se o corpo afetuoso, habitado por todos os seus mecanismos psíquicos (de busca por satisfação) e sociais (relacional). Ao transcender, a pessoa manifesta toda sua força de amar, fruto da sua experiência relacional, da entrega total de si ao outro.

2. A CORPOREIDADE, TEMPLO DE DEUS

No cristianismo primitivo, o pensamento grego coabitava as comunidades. Algumas pareciam absorver, em larga escala, o helenismo, particularmente sua perspectiva de corpo. E,

⁹ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1421.

¹⁰ *Ibid.*, 1503.

¹¹ *Ibid.*, 1509.

¹² MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 69.

¹³ *Ibid.*, p. 70.

de fato, cristãos inclinavam-se a desprezar o corpo e supervalorizar o espírito, além de produzir uma radical separação entre essas duas realidades. Diante desse contexto, Paulo, embora helenizado, adverte-os a uma salutar compreensão do corpo, em perspectiva histórico-salvífica.¹⁴ Sua preocupação não consistia em produzir uma antropologia filosófica, mas falar da relação do homem com Deus, em Cristo, pela ação do Espírito.¹⁵

Paulo, particularmente, volta seu olhar aos cristãos adeptos do gnosticismo, corrente filosófico-religiosa – de várias nuances – que se incorporou no cristianismo, desde a pregação apostólica. Em geral, o gnosticismo compreendia “o mundo material como uma emanação de um deus supremo. Essa energia era uma chama divina que se prendia no ser humano e podia ser liberada pela sua gnose”.¹⁶ Essa perspectiva de pensamento provocou o surgimento de duas atitudes completamente diferentes: por um lado, a abstinência sexual absoluta (1Cor 7,1); por outro, a liberdade total. Diante dessa situação, Paulo exprime uma dupla concepção sobre a dignidade do corpo: é necessário assegurar os direitos do corpo, assim como os direitos do Espírito.¹⁷ Por conseguinte, sustenta uma mesma tese, como argumento base desta dupla concepção: “não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,16-17).

A dupla concepção é compreendida com base nas palavras *soma* e *sarx*, encontradas em várias epístolas paulinas: a primeira indica o elemento exterior, sensível, integrado por membros, carne e osso (Rm 12,4-5; 1Cor 12,12-26; Gl 1,16); ainda mais, ela se refere “ao homem total como organismo unificado, complexo e vivo, incluso como pessoa, especialmente quando é o sujeito a quem acontece algo, ou é o objeto de sua própria ação (1Cor 9,27; Rm 6,12-13; 8,13; 12,11).¹⁸ Paulo, com isso, quer sinalizar o valor e a grandeza do homem, embora pecador. A segunda “designa o homem inteiro na sua existência natural, física, visível, débil, ligado à terra. Expressa a ideia da criatura natural abandonada em si mesma”.¹⁹ Diz do homem inteiro, e condicionado pelas tendências naturais e terrestres. Paulo, dessa forma, refere-se à fraqueza humana.

¹⁴ SIERRA, Alejandro Martínez. *Antropología teológica fundamental*, p. 87. “Para os autores do Novo Testamento, o interesse pelo homem não está no ontológico senão no histórico-salvífico. Interessa-lhes o homem tal e como aparece em Cristo, centro de toda a criação”. *Ibid.*, p. 88.

¹⁵ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 70.

¹⁶ BOGAZ, Antonio Sagrado. *Vocabulário teológico: teologia patrística*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 179.

¹⁷ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 71.

¹⁸ SIERRA, Alejandro Martínez. *Antropología teológica fundamental*, p. 87.

¹⁹ *Ibid.*, p. 87.

Esta contraposição quer indicar, como entende Paulo, a partir do que presumimos, que Deus condena o pecado, não a “carne”, o corpo. E isso nos leva a entender que Paulo, ao adotar duas compreensões de corpo, interessa-o dizer de duas atitudes: uma guiada pela força do Espírito e a outra, pela força do pecado que habita no homem.²⁰

Paulo, nesse sentido, estabelece o paralelo entre o “homem velho” e o “homem novo”, segundo o Espírito; apresenta um itinerário cristão de amadurecimento humano e de fé: o cristão, progressivamente, passa da condição de criatura para a condição de nova criatura, em Cristo ressuscitado, no Espírito. Este itinerário traduz uma realidade dinâmica da pessoa, em Cristo, e não uma realidade abstrata, especulativa.

No Antigo Testamento, a imagem de “homem” é centro de toda reflexão. No Novo Testamento, ela é compreendida na pessoa de Cristo, quer dizer, a teologia veterotestamentária é significada pela cristologia. Nessa vertente, se constrói a antropologia paulina: aquele que aceita, na fé, Cristo, torna-se imagem dele; o homem novo, transformado à imagem do Criador, expressa a superação de todas as diferenças, em Cristo. Na sua condição terrena, ele é imagem de Adão; na sua condição celeste, de Cristo ressuscitado: “ser homem é, portanto, passar da condição de Adão à de Cristo”.²¹ E não pode, para Paulo, consistir em algo secundário o homem alcançar a imagem do homem celeste, mas uma determinação da sua condição humana.

Fundamentalmente, a antropologia paulina se desenvolve a partir da concepção de homem envolta de uma história de pecado e de graça. Na pretensão, então, de ressaltar a graça salvadora de Cristo, Paulo destaca a força do pecado: alude ao “corpo do pecado” (como escrito em Rm 6,6: “nossa velha natureza foi crucificado com ele para que fosse destruído este corpo de pecado, e não se sirvamos mais ao pecado”), redimido pelo batismo, no Espírito, e ao “corpo da morte” (como escrito em Rm 7,24-25: “quem me libertará deste corpo da morte? Graças sejam dadas a Deus, por eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado”), superado pela graça de Jesus Cristo. Na primeira alusão, Paulo radica a condição original do homem; na segunda, a sua condição histórica, condicionada pela “carne”.²²

Tais elementos nos levam a compreender que, para Paulo, a proclamação do corpo como “templo de Deus” só pode ser compreendida na perspectiva da ressurreição. Esta concepção é

²⁰ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 71.

²¹ LADARIA, Luís F. *Introdução à Antropologia Teológica*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998, p. 52. Para Irineu, “o homem criado à imagem de Deus é o homem carnal. Sua imagem é o Verbo encarnado. Por isso até que não apareceu o Verbo feito carne não se podia entender como era a imagem, cuja semelhança havia sido criado o homem”. SIERRA, Alejandro Martínez. *Antropología teológica fundamental*, p. 92.

²² MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 72.

um elemento decisivo da sua antropologia. A ressurreição, segundo Paulo, não diz apenas da eternidade, mas da verdadeira vida nova e pré-anúncio da grande parusia, de tudo retornar – transformado – ao Criador.²³

Na comunidade de Coríntios – vale aqui destacarmos –, tanto os “espiritualistas” quanto os “liberais” apresentavam dificuldades para entender a ressurreição dos corpos. Os espiritualistas cultivavam o “eu” interior e consideravam o corpo cárcere da alma. Ela, a alma, ascendia diretamente ao céu e, para tal, deveria libertar-se do corpo e fugir do mundo. Paulo, em combate a esta perspectiva, acentua a positividade do corpo e suas manifestações. Diz que toda atividade, unida à dignidade da pessoa humana, é boa, até mesmo os gestos de comer e beber: “portanto, quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31); que o humano, em Cristo, é convidado a glorificar a Deus com o seu próprio corpo: “exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual” (Rm 12,1).

Ao saber que os espiritualistas se questionavam, ironicamente, sobre “como” os mortos ressuscitam, Paulo responde que a sorte do cristão está unida com a de Cristo: “pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,22); que o corpo mortal sofreria uma transformação animada pelo Espírito: “semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível” (1Cor 15,43).²⁴ Nesse horizonte, sublinha o *Catecismo*: “pela morte, a alma é separada do corpo, mas na ressurreição Deus restituirá a vida incorruptível ao nosso corpo transformado, unindo-o novamente à nossa alma”.²⁵ Na concepção paulina, a ressurreição, portanto, não é “só uma manifestação da vida que vence a morte [...], mas é também revelação dos últimos destinos do homem em toda plenitude da sua natureza psicossomática e da sua subjetividade pessoal”.²⁶

Os liberais, por meio de duas máximas, procuravam justificar tudo: acreditavam que tudo era lícito, como escrito: “tudo me é permitido” (1Cor 6,12); que a ingestão de alimentos e o relacionamento sexual estavam em um mesmo plano de coisas que não afetavam o espírito de

²³ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 72. “Jesus é primície da ressurreição, o primogênito dos mortos, como dirá *Colossenses* 1,18. Nele todos receberão a vida (contraposição a Adão), no momento de sua vinda. Esta implica o fim da história humana, e com ela a submissão de todas as potências inimigas a Cristo e a aniquilação da morte. Nesse momento, Jesus poderá entregar o Reino ao Pai, uma vez concluída toda a obra da salvação, cuja realização o Pai lhe confiara”. LADARIA, Luís F. *Introdução à Antropologia Teológica*, p. 137.

²⁴ MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*, p. 72-73.

²⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1016.

²⁶ JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou*, p. 305.

liberdade das pessoas: “os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos” (1Cor 6,13). Paulo, em contraposição, rejeita a comparação entre tomar alimentos e praticar o ato sexual com prostitutas; afirma que o corpo não é para a fornicação,²⁷ mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. E, assim como Deus ressuscitou o Senhor, também ressuscitará o homem (1Cor 6,13-14). Mas até a ressurreição – e assim ensina o *Catecismo* –, “o corpo e a alma do crente participam desde já da dignidade de ser ‘de Cristo’; daí a exigência do respeito para com seu próprio corpo, mas também para com o de outrem”.²⁸ Então, para aqueles que vivem de forma desregrada, Paulo exorta: “não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo? Pois está dito: *serão dois em uma só carne*. Ao contrário, aquele que se une ao Senhor, constitui com Ele um só espírito” (1Cor 6,16-17).

Paulo ainda adverte que o “corpo do cristão é templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19), possessão de Cristo e não de si mesmo e que, por isso, deve ele glorificar a Deus no seu corpo (1Cor 6,20) e não prostituí-lo.²⁹ De acordo com o *Catecismo*, “o corpo do homem participa da dignidade da ‘imagem de Deus’: ele é corpo humano precisamente por ser animado pela alma espiritual, e é a pessoa humana inteira que está destinada a tornar-se, no Corpo de Cristo, o templo do Espírito”.³⁰ A *Gaudium et spes* já afirmara que o homem é um ser uno, composto de corpo e de alma. Nele mesmo, em sua natureza corporal, encontra-se a síntese dos elementos materiais. Seu corpo é bom e digno de respeito porque criado por Deus, chamado à ressurreição. Sua dignidade, nesse sentido, o permite, em seu corpo, glorificar a Deus, não deixando-o escravizar pelas paixões. Ele reconhece, em si, uma alma espiritual e imortal e, por isso, alcança a verdade profunda das coisas.³¹

CONCLUSÃO

O humano é um ser todo integrado, corpo e espírito. Essa perspectiva advém da própria tradição bíblica, fruto da relação do homem com Deus, elemento fundamental da sua natureza

²⁷ Fornicação “significa, como no grego clássico, a luxúria segundo sua acepção mais geral: relação sexual de homem-mulher fora do matrimônio, que tanto pode ser fornicação estrita (1Cor 6,12-20), como adultério (1Cor 7,12) ou incesto (1Cor 5,1)”. VIDAL, Marciano. *Sexualidade e Condição homossexual na moral Cristã*. Trad. Marcelo C. Araújo. Aparecida: Santuário, 2008, p. 32.

²⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1004.

²⁹ VIDAL, Marciano. *Sexualidade e Condição homossexual na moral Cristã*, p. 33.

³⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 364.

³¹ PAULO VI. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, n. 14.

e constituição antropológica. O cristianismo primitivo – embora revestido, em certa medida, do helenismo –, absorveu esta teologia sobre o homem, integrado pelo corpo e espírito.

O corpo não é um elemento extrínseco ao homem e separado do espírito, mas constituinte do homem, a ser entendido, e somente, na sua relação com o espírito. Então, o homem só pode ser entendido como corpo e espírito, isto é, na sua integralidade. Essa perspectiva antropológica, com base na teologia, é de suma importância não apenas para compreensão do homem, mas para a sua experiência de fé, particularmente: a fé é um atributo do homem, e como o homem só pode ser entendido na sua integralidade, logo a vivência da fé comprehende e se expressa no homem corpo e espírito. Não pode haver dicotomia entre tais dimensões, como se a fé fosse propriedade do espírito e o corpo, da moralidade. Ou, na mesma medida, valorizar o espírito, a transcendência, em detrimento da corporeidade. Isso levaria o humano a uma fragmentação de si e de psicopatia da vivência da fé. Corpo e espírito compõem o homem e estão intrinsecamente relacionados. Neles, a fé se manifesta inteiramente.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOGAZ, Antonio Sagrado. *Vocabulário teológico*: teologia patrística. São Paulo: Paulinas, 2022.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- JOÃO PAULO II. *Homem e mulher o criou* – catequeses sobre o amor humano. Bauru: EDUSC, 2005.
- LADARIA, Luís F. *Introdução à Antropologia Teológica*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.
- LEONE, Salvino. *Educar para a sexualidade*. Trad. José Joaquim sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2004.
- MOSER, Antônio. *O Enigma da Esfinge*: a sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PAULO VI. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.
- SIERRA, Alejandro Martínez. *Antropología teológica fundamental*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- VIDAL, Marciano. *Sexualidade e Condição homossexual na moral Cristã*. Trad. Marcelo C. Araújo. Aparecida: Santuário, 2008.

Recebido em junho de 2025.

Parecer em julho de 2025.

Publicado em agosto de 2025.